

Acidentes de trabalho

Os jornais noticiaram que estava na Imprensa Nacional um diploma sobre a criação de mais seis tribunais de Acidentes de Trabalho.

A notícia deixou em sobressalto o operariado, visto não se saber em que condições vão ser criados esses tribunais e até onde o seu raio de acção chegará.

Julgamos dispensável repetir que o problema de assistência aos sinistrados de trabalho está para resolver entre nós, apesar da lei de autoria do dr. Estevão de Vasconcelos.

E dizemos que está por resolver porque o que se faz em matéria de acidentes de trabalho só interessa às empresas seguradoras.

A lei estabelece que o operariado quando vítima de um desastre que o impossibilite do trabalho fica com o direito a dois terços do seu salário enquanto durar a enfermidade.

Logo que o sinistrado receba alta—diz ainda a mesma lei—e que fique com incapacidade permanente ser-lhe-á dada uma indemnização.

Mas em que condições é estabelecida essa indemnização? Vamos ver.

Diz o artigo 23.º do decreto n.º 5637: «As indemnizações devidas no caso de morte e incapacidade permanente são determinadas nos termos dos artigos 9.º e 10.º até ao salário anual de 700\$00. Na parte que exceda essa quantia serão reduzidas a metade».

Ora quando foi elaborada a lei, em 1914, ainda se admitia que houvesse ordenados, cujo montante não atingisse 700\$00 anuais.

Mas hoje, decorridos que vão 13 anos, quem é que ganha essa insignificância?

Logo a não actualização das indemnizações traz-nos anomalias de toda a ordem, das quais destacaremos a de ser estabelecida a um sinistrado uma pensão ridícula que não lhe dá para mandar cantar um cântico...

Temos depois a onipotência das companhias de seguros sobre as decisões das juntas médicas, em relação aos sinistrados com incapacidade permanente.

O médico arbitra a desvalorização de 50 por cento sobre a perda da mão direita. Trocado isto em miúdos, quer dizer, que o sinistrado ser-lhe há pago metade do seu ordenado, desde que não exceda a importância de 700\$00.

As companhias de seguros, porém, não pagam essa desvalorização. Entendem que 25 por cento é o suficiente e o sinistrado vem a receber uma bagatela.

A acrescentar a estas incongruências temos ainda este outro facto importante: Pela actual delimitação dos tribunais muitos dos sinistrados não recebem os benefícios que a lei estipula.

Um exemplo: em Alhandra é vítima de acidente de trabalho um operário. O acidente traz impossibilidade de trabalho por 10 dias.

O patrão, porém, recusa-se a pagar. O sinistrado se recorre para o tribunal que se encontra em Lisboa gasta mais do que virá a receber se o patrão for obrigado a pagar o que estipula a lei.

O que conviria, então, fazer? Atender a todos estes casos de maneira a terminar com as anomalias apontadas e outras que constam das reclamações já apresentadas pelos organismos operários.

Criar novos tribunais sem procurar prover às necessidades dos sinistrados hemo de convir que não é obra completa.

Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Todos os ferroviários do quadro ou eventuais, que a C. P. considerou adidos ou dispensados e ainda os julgados incapazes pela junta médica, devem-se apresentar com urgência ao presidente da comissão Liquidatória, no edifício da antiga direcção, rua de São Mamede, nº 63, Lisboa, para o efeito de garantia dos seus vencimentos.

Os agentes que por falta de passe, ou qualquer outro motivo imperioso, não possam comparecer, devem enviar em carta, para a referida entidade, uma declaração, dizendo apenas o nome, categoria, situação e morada, com a assinatura bem legível.

Túneis submarinos para veículos

NOVA-YORK, 17.—Está sendo organizada a polícia que há de regular o trânsito nos dois túneis que atravessam o rio Hudson, de Nova York a Nova Jersey, a inaugurar em Setembro, os quais se destinam apenas aos automóveis e veículos de carga. Esta formação compor-se-á de 300 homens.—L.

UM SENSACIONAL DIVÓRCIO!

A Reacção Civil e a Reacção Religiosa romperam violentamente hostilidades em dois países!

A Igreja Católica Apostólica Romana, cuja organização se baseia nos moldes absolutistas, rompeu, violentamente, contra os que, na vida civil, representam e defendem as ideias políticas excessivamente autoritárias: em França excomulgou a *Action Française* que defende a implantação duma monarquia ditatorial e absoluta, e, em Portugal, condenou secamente os integralistas, esses adoráveis nacionalistas, tradutores servís, pela mais cômica das aberrações, do figurino francês.

Acontece que, tanto os da *Action Française* como os integralistas portugueses, seus obedientes imitadores, são católicos e católicos que sentem a necessidade da religião para o triunfo e manutenção do seu sistema político, considerando-a como o maior freio que se pode pôr a um povo, a fim de impedir que ele tenha uma consciência colectiva e se revolte contra a servidão que o absolutismo futurista lhe impõe. Ambos fazem à Igreja as maiores concessões, ambos desejam o ensino religioso, a enfermagem religiosa, a obrigatoriedade do culto e do casamento e do baptizado católicos, a abolição pura e simples da lei do divórcio, a restauração do delito de heresia, o regresso dos frades, freiras e irmãs da caridade e o reconhecimento jurídico do direito de as congregações se apoderarem, por meio de heranças, doações e aquisições directas, das várias riquezas dum país, sem limitação nem restrição do valor dos bens móveis e imóveis. Porque persegue, com tanto afinho, a Igreja a facção política que, com mais encarniçamento, a defende e cujas ideias sobre a organização da sociedade civil mais se assemelham com as da sua organização hierárquica e absoluta?

A primeira vista, não se descortina razão convincente, tanto mais que a Igreja se abstém, com a sua tradicional e refinada hipocrisia, de revelar em público o seu móbil, ambicioso e perverso.

A Igreja parece destinada a só dar surpresa aos católicos que são afinal os únicos que, por obsecração, por cegueira eminentemente sectária, não tiraram da sua história uma conclusão que salta, de modo evidente, aos olhos dos mais leigos: os interesses da Igreja estão acima de todos os interesses humanos; nunca ela se curvou a nenhuma razão, a nenhum sentimento, a nenhum povo, a nenhuma época — se não quando a sua conveniência lhe aconselhava essa ilusão concórdia e essa ilusão submissão.

Monopolizando Jesus Cristo, adaptando as suas doutrinas aos dogmas de bronze engrandados nos concílios; monopolizando a fé proibindo o seu exercício fora da obediência a Roma — ela lançou povos contra povos, gerou os maiores ódios, provocou as mais ferozes repressões e nunca a des-

graça humana lhe mereceu a mais ligeira compaixão, ou a mais vaga benevolência.

Aliou-se com os poderosos e arremessou contra eles os seus súbditos e para os esmagar, impondo-lhes a sua feroz vontade. Fez tratados e traiu-os sempre que a sua política de ilimitada falta de escrúpulos isso conveio. Nunca foi vassala de alguém, nunca teve uma amizade, nunca reconheceu o menor direito. Rigidamente autocrata quis sempre ter direitos sobre tudo e todos e jamais consentiu que tivessem sobre ela o menor direito.

Os da *Action Française*, exgotados todos os seus desejos de paz, extenuados de todas as humilhações, cansados de todos os insultos, ameaças e excomunições, convencidos de que tinham queimado contra a eterna inamovível os últimos cartuchos, iniciaram já as hostilidades, hostilidades que irromperam sacudida e violentamente. Na festa tradicional a Joana de Arc, há pouco realizada em Paris, os camels da *roi* agrediram todos os religiosos obedientes a Roma e, a pesar do seu catolicismo, agrediram com fúria todos os que soltaram dos lábios, com frenético entusiasmo, vivas ao Papa!

As hostilidades iniciadas deste modo vão intensificar-se bastante, nem outra coisa há a esperar dos integralistas franceses, habitualmente enérgicos e impulsivos. A Igreja, porém, não as receia, revelando até um cuidado excessivo em as provocar, convencida que delas arrancará um lucro fartamente compensador, confiando ainda que a vitória, por mais violenta que seja a luta, lhe não fugirá das mãos.

A Igreja, que dominou na sociedade feudal, que se adaptou ao constitucionalismo, rompeu com os defensores das tradições a fim de, num supremo esforço, conquistar os tempos modernos que instintivamente a repelem.

Que recurso resta aos reaccionários escomulgados por ela? Em boa verdade, o único recurso que lhes resta é um tanto perigoso para os seus objectivos políticos e até para a sua consciência: romperem com a Igreja, cortarem relações espirituais com os seus dogmas e inclinarem-se para um cristianismo brande e vago, que é ainda mais pernicioso a Roma que o ateísmo obstinado dos que não aceitam, do Universo, a explicação demasiado simples e demasiado falsa que lhes dá o Catecismo.

Há quem se entregue ao mais vibrante dos entusiasmos com esta hostilidade entre a Reacção Civil e a Reacção Religiosa.

Os que vêem neste divórcio político motivo de alegria, deixaram-se cegar pelas aparências e esqueceram-se de que há uma coisa mais perigosa do que o ódio da Igreja: é a sua amizade! Oxalá que quando o reconhecerem não seja tarde, demasiado tarde...

UM PROCESSO MUNDIAL

Como analisa "El Sol" a emocionante questão Sacco-Vanzetti

A imprensa estrangeira tem-se ocupado vivamente, comentando a seu modo, do emocionante drama de Massachusetts, em que se encontram envolvidos os dois militantes revolucionários Sacco e Vanzetti, cujos nomes se tornaram já símbolos de tragédia, sacrifício e martírio.

El Sol, um dos diários de Espanha de índole conservadora, também se impressionou com o grande acontecimento. No seu número ultimamente chegou a Lisboa lê-se um artigo em que se examina detalhadamente a questão que tanto tem agitado a consciência do mundo.

Fazendo a história de todo o processo, o grande jornal conservador afirma que a atenção do mundo se prendeu de tal maneira no acontecimento que não há memória de uma causa ter assumido tão intensos aspectos.

A sorte dos dois homens—diz *El Sol*—ganhou foros na consciência internacional, sendo já uma questão de extremo interesse para os meios operários e liberais da Europa, da América do Sul, do Japão e do México. Refere-se em seguida à forma como se tem evidenciado o protesto internacional, por meio de petições, comícios de protesto, greves operárias, tumultos e até atentados contra embaixadas norte-americanas em diversos países.

O mesmo jornal não deixa de pôr em destaque a actividade que o juiz Thayer empregou para obter a condenação dos dois desventurados, invocando, como se justificasse a cruel perseguição, a opinião do professor Flix Frankfurter, os acusados manifestaram sempre opiniões radicais, a pesar de estrangeiros, e foram julgados em 1920, quando a agitação anti-revolucionária, que se sucedera à guerra, estava no auge. Assim, para o juiz Thayer evidenciar ou provar o que pudesse determinar a feroz sentença, era uma questão de oportunidade.

Depois de referir várias das petições que por elementos notáveis de todas as classes sociais do mundo foram enviadas ao governador Fuller, e aludir ligeiramente ao discurso pronunciado por Vanzetti no tribunal de Dedham, *El Sol* faz o seu comentário da seguinte forma:

A REACÇÃO BURGUESA

Uma impossível extradição E' provável que Ascaso, Durruti e Jover sejam libertados

PARIS, 14 de Maio.—Como se sabe, o governo francês havia resolvido entregar à Argentina os anarquistas espanhóis Ascaso, Durruti e Jover. O acordo necessário não foi notificado oficialmente ao governo de Buenos Aires, de modo que os três políticos argentinos que estavam em França tiveram de regressar ao seu país sem levar os presos.

Em face do exposto, o governo argentino pediu ao governo francês que se encarregasse da extradição dos três anarquistas, que teriam de ser levados a Buenos Aires por um agente da polícia francesa. Mas o governo francês considerou difícil a missão e que as despesas de viagem seriam excessivas, e respondeu com um «impossível» à solicitação da Argentina.

O governo argentino não ficou satisfeito e logo comunicou ao gabinete de Paris que, se lhe não fosse dada uma explicação, denunciaria imediatamente o seu tratado de extradição com a França.

Se não chegarem a acordo os dois governos, decorrido o prazo legal de três meses, os três anarquistas terão de ser postos em liberdade segundo os termos da legislação.

Jornal de Dedham, *El Sol* faz o seu comentário da seguinte forma:

«Inocentes ou culpados, o mundo contempla-os com emoção unânime, fora do comum, como se se pretendesse investigar todos os motivos que possam determinar, a esta hora, a morte de um homem.»

A pesar das suas reservas, *El Sol* não afirma que Sacco e Vanzetti seja criminosos, ante destaca ostensivamente a agitação que a perseguição a essas vítimas tem despertado em todo o mundo. Se o protesto da consciência mundial não tivesse feito sentir o seu peso formidável, por certo que os sentimentos de justiça que, afinal, residem na alma humana, teriam recebido uma dolorosa e trágica afronta, sem que a opinião conservadora se tivesse afastado um ápice do seu comodismo.

Quando se possa fazer a história serena e desapassionada deste drama intenso, que belo exemplo de solidariedade e justiça humanas se deverá registar! Muitos exemplos como o de agora darão, certamente, uma feição mais espiritual e sensível à convivência social.

Desândalo da Exposição do Rio de Janeiro

O sr. Malheiro Reimão foi condenado a uma pena disciplinar que não cumprirá devido a estar anistiado

Foi ontem a última audiência do julgamento do major Malheiro Reimão, um dos principais responsáveis dos graves escândalos da Exposição do Rio de Janeiro.

Abriu a audiência o discurso do promotor, tenente coronel sr. Bandeira de Lima, que constituiu numa acusação cerradíssima, discurso cujo remate foi o reclamar para o acusado quatro anos de prisão e 8 a 15 de degrado.

O promotor salienta que o sr. Malheiro Reimão só lançou nas facturas em dívida o despacho «pague-se quando houver oportunidade» no dia em que o comissário geral estava para chegar ao Rio de Janeiro. E pergunta:—Porque não aguardou a chegada do seu superior hierárquico e se apressou, em 19 de Setembro, a lançar uma ordem de pagamento em facturas que se referiam a Junho, Julho e Agosto? Porque o não fez em data anterior?

O acusado confessa ao sr. Lisboa de Lima que eram exageradas as contas da Casa Terra e Irmao e que tinham abusado da sua boa fé. No entanto, assediava todos os dias o Comissário Geral, para que essas contas fossem pagas.

O promotor acusa-o de se ter colocado ao lado da Casa Terra e Irmao contra o Comissário Geral Lisboa de Lima e, portanto, contra os interesses do Estado português.

Refere depois a vida faustosa que ele levava no Rio, alugando um chalet no Solar, oferecendo joias caras e enviando ainda quantias importantes para Lisboa, descurando completamente as suas obrigações.

No regresso a Lisboa um servente de pedreiro, seu apaniguado, que ele arvorava em secretário comprou na Ericeira um talhão de terreno onde construiu um luxuoso palacete.

O proprietário do terreno declarou que tinha vendido a propriedade ao major Malheiro Reimão pela quantia de 30 contos, tendo-se combinado que na escritura figurasse como comprador o secretário que tinha acompanhado o réu ao Brasil, de nome Henrique de Figueiredo. Esse prédio é conhecido entre a gente da Ericeira pelo nome de «O Pavilhão», o que representa uma alusão clara do povo aos esbanjamentos que se fizeram com a Exposição do Rio de Janeiro.

A acusação lembra ao júri que a sua decisão terá uma importância capital não só para a opinião pública, como para os interesses do Estado português. Este encontra-se em litígio com a Casa Terra e Irmao Se o réu for absolvido, o Estado perde; se for condenado, a Casa Terra e Irmao receberá quantias que não tem direito a receber.

—Chega a ser incrível o abandalamento de carácter destas criaturas que evocam a Pátria e a República para fundamentarem os seus desatinados abusos.

«E não é só este. Há mais infelizmente, neste país».

«Carlos Pimentel, Visconde de Pedralva, e outros que não ocorre, que passaram a dizer mal de tudo e de todos porque lhes foram diminuídos os proventos exagerados que auferiam».

No auge da indignação, bate com a dextra na barriga, exclamando: «Aqui é que está o patriotismo desta gente. Bela demonstração de republicanismos».

Termina pedindo para o réu a pena de 4 anos de prisão maior celular seguidos de 8 de degrado na alternativa de 15 de degrado com a multa correspondente.

A audiência foi suspensa iniciando-se, quando ela reabriu, o discurso de defesa. Esta esforça-se por negar a acusação nuns pontos e atenua-la noutros. O defensor ataca largamente o sr. Lisboa de Lima sobre quem descarrega todas as responsabilidades dos escândalos da Exposição.

—E é este homem, afirma o defensor com energia, que acusa Malheiro Reimão; é este homem que lança sobre ele suspeitas criminosas, este homem que se foi despedir dele quando Malheiro Reimão embarcou para Portugal, dando-lhe um abraço que é perfeitamente o beijo de Judas!

E acrescenta: «A 4 de Maio, já o sr. Malheiro Reimão insistia pela sua demissão. A 19, enviava novo telegrama para Lisboa. Isto é, o homem que estava conluiado com a Casa Terra tinha apenas uma ambição: regressar a Portugal».

«Lisboa de Lima pediu-lhe que ficasse, porque a situação era delicada. Ficou. A certa altura, recebeu um telegrama do sr. Lisboa de Lima, pedindo-lhe que retivesse no Rio de Janeiro o «Pedro Nunes», a fim de mandar para Lisboa algum pessoal que ia com a assistência».

O defensor declara que o sr. Malheiro Reimão tentou a todo o custo evitar a publicação de um célebre «livro de ouro» que custou ao Estado 503 contos—e que ainda está encastoiado na alfândega do Rio de Janeiro!

Para esse catálogo compraram-se cinco toneladas de papel «couche» e gastaram-se cerca de 200 contos com as pessoas encarregadas da propaganda. Um «bar», que nunca chegou a funcionar, custou 180 contos. Houve dois concertos no nosso Pavilhão de Honra. Regeram dois maestros, que custaram ao Estado 71 contos. Mas o súdrio é longo e não chegaria um número de dezasseis páginas para o publicar na integra!

O sr. Malheiro Reimão foi condenado numa simples pena de prisão correccional, saindo em liberdade por se encontrar anistiado e por ter sofrido prisão preventiva superior à prisão disciplinar demarcada pela situação.

A OURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2550. Redacção e administração de A Batalha.

A REVOLUÇÃO CHINESA

A luta contra o tradicionalismo

É difícil compreender-se o carácter do movimento nacional que na China se desenvolve actualmente, sobretudo, porque quase nada se conhece no ocidente da vida social, política e económica daquele povo, assim como dos seus costumes e do seu grau de civilização.

Primeiro do que tudo, traçamos uma falsa imagem da «civilização» chinesa, pois a vemos muito diversa, senão antagónica, da nossa civilização. E considerar assim é um erro grave. Civilização, só uma deve existir, a civilização humana, que é a soma das múltiplas civilizações particulares. O que tem provocado semelhante erro é a confusão que se faz com a tradicional civilização chinesa, que a juventude combate, com ardor digno de admiração, como um resto do mundo velho.

Na Europa e na América as ciências, as indústrias e os costumes que destruíram a liberdade relativa favoreceram o desenvolvimento da civilização, enquanto na China, tendo tudo isso faltado, a civilização manteve-se estacionária, retardando-se.

A China precisa de indústria, a ciência escassa e a liberdade, sobretudo, foi quase sempre inexistente. O despertar só começou há quinze anos, mais ou menos. No seu movimento, agora, pretendem os chineses que os europeus os iniciem, quer queiram ou não queiram, pois eles pensam que a sua evolução só será completa com os seguintes três factores maximos: a ciência, a indústria e, mais do que tudo, a liberdade.

Há uma outra divergência que se apresenta como fundamental e parece separar o oriente do ocidente. É a tendência da revolução chinesa, uma tendência principalmente filosófica e moral, em antagonismo com a tendência do ocidente que é mecanizada. Daí o serem ambas as tendências irreconciliáveis.

O valor da nova China, porém, consiste precisamente em ter empreendido a luta contra tudo quanto na vida chinesa repre-

sente ainda o passado, procurando fundar uma nova civilização caracterizada pela liberdade.

A guerra actual é apenas um episódio da revolução chinesa. Na China, a revolução política começou há uma quarentena de anos, mas a monarquia manchú — uma dinastia imperial que dominou o país há mais de 300 anos — foi derribada de vez, em 1911. A monarquia era olhada como dominação estrangeira, e o próprio nome não disfarçava a sua origem manchú.

A revolução na China teve sempre um carácter acentuadamente nacional e as suas tendências são ligeiramente republicanas. Mas a república que se implantou em 1911 teve de sofrer dos monárquicos uns ataques tão violentos que chegou a estar em perigo. No norte da China, a reacção foi sempre mais forte e aí recrutou todas as suas forças. Entretanto, no sul, as ideias revolucionárias encontravam terreno mais fértil. Deste facto nasceu a grande divisão entre o norte e o sul.

Sete ou oito anos depois da revolução política, a juventude intelectual iniciou uma outra, bem profunda, revolução no campo religioso e cultural.

Era a juventude que, de uma maneira brusca e violenta, entrava em guerra contra a tradição. Se na Europa se torna possível a revolução, em compensação, na China, para se pôr termo a todos os absurdos mentais e religiosos em uso, seria necessária uma verdadeira revolução que energeticamente destruisse, para sempre, os laços que manietavam a juventude na velha China.

Em resumo, a nova China luta há mais de dez anos contra a «velha civilização chinesa». E a primeira revolução, em 1911, foi notável porque determinou as seguintes revoluções e o desenvolvimento que se está efectuando em todo o antigo vasto império.

Contão.

Hugo TRENI.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Enfermagem religiosa

O sr. Petrus, nas Novidades, volta a expectar sobre nós um cervo de distantes a propósito do hospital de Torres Novas. Entende o serafico cronista que o referido hospital só começou a ser um estabelecimento «modelar» depois de estabelecida ali a enfermagem religiosa. E como nós apresentamos alguns casos de desumanidade que atestam o bom coração das «irmãs da caridade», o sr. Petrus conclui que a Batalha não podia ser mais infeliz na escolha do exemplo.

Ora o sr. Petrus se estivesse calado não nos obrigava a chamar-lhe parvo. E porque? Simplesmente por isto: o hospital de Torres Novas, antes do jesuíta Carlos Meudes lá meter as «irmãsinhas» da sua estirpe, tinha um enfermeiro e um ajudante, profissão-nais. Quais eram os encargos com esses dois empregados? Coisa parecida com 500\$00 por mês.

Este facto prova bem que se o hospital de Torres Novas não progredia nem dispensava a obra de assistência que o sr. Petrus incensa, não era por culpa dos dois enfermeiros.

Todas as obras que posteriormente ali se fizeram poderiam muito bem ser feitas com os dois enfermeiros lá dentro. A enfermagem profissional não proibia semelhante absurdo.

Mas é que o sr. Petrus mede a sua inteligência pela dos leitores a quem maça com as suas crónicas. Quere que eles se convençam que a enfermagem profissional é a culpada da falta de recursos com que lutam os hospitais.

Já é ser microcefalo!

Uma cidade de vinte seculos

LONDRES, 17.—O correspondente do «Herculanum», em Itália, diz que o rei Victor Manuel inspecionou as escavações que se estão efectuando para a descoberta duma cidade romana soterrada pelas cinzas eruptivas do Vesúvio, tendo descido ao subsolo e passado por uma rua estreita, pavimentada com granito limado pelo trânsito dos seus habitantes, há vinte séculos. |L.

A politica burguesa

O que faz em Londres o presidente da República francesa

BERLIM, 17.—O jornal «Germania» diz que toda a imprensa liberal de Londres, observando as dificuldades políticas internas expostas por Stressemann, consideram que o principal motivo da viagem oficial do presidente Doumergue à Inglaterra é o da evacuação da Renania. Vários jornais advogam a evacuação enquanto outros defendem as concessões que os alemães reclamam.—L.

LONDRES, 17.—No banquete de Buckingham, o rei Jorge e o presidente Doumergue pronunciaram discursos inspirados na necessidade da Inglaterra e da França continuarem unidas para a manutenção da paz mundial. Assistiram 150 convivas, entre os quais membros da família real. Pouco antes do banquete, o presidente Doumergue concedeu a rainha com a grandeza da Legião de Honra.—L.

O que fazem os políticos no Egipto

CAIRO, 17.—E' provável que as dissensões políticas coloquem de novo Zaghlul em crise, pois se encontra muito contrariado com a insubordinação de Rankandili.—L.

O que resolvem os parlamentares alemães

BERLIM, 17.—O Reichstag aprovou em primeira e segunda leituras a prorrogação dos dois anos de lei da defesa da República. Os comunistas, fascistas e os hano-variantes votaram contra.—L.

CRONICA DO ESTRANGEIRO

UM NOVO EPISÓDIO DA RIVALIDADE ANGLO-SOVIÉTICA

O assalto da policia britânica à casa "Arcos"

As represálias do governo de Londres contra a policia bolchevista continuam exacerbando a rivalidade, porventura, belicosa de ingleses e russos. O assalto — assim que toda a imprensa estrangeira denomina a deligência da policia britânica — à casa «Arcos», sede comercial soviética em Londres, causou funda impressão em grande número de países.

O desaparecimento, presumido ou verificado, de diversos documentos navais foi o pretexto para o acto policial. E o acto policial tornou-se o fulcro de uma das muitas questões que são suscitadas e agravadas pelo odio anglo-russo.

Mas o motivo atribuído pela opinião soviética é o desejo da Inglaterra em manter a Rússia afastada do inacreditável e impossível concerto europeu. Neste momento, o governo soviético participava da reunião internacional do capitalismo e obtinha créditos financeiros num banco inglês. E o assalto à casa «Arcos» veio inutilizar ou ilaquear os esforços do governo soviético em acelerar o levantamento económico da Rússia.

E', pois, natural a irritação dos estadistas, funcionários e arautos da Rússia soviética. Apressou-se a protestar o encarregado de negócios da Rússia, sr. Rosenholz, contra a ocupação pela policia dos escritórios da casa «Arcos» e da sede da delegação comercial soviética em Londres, o que constituiu uma grave infracção do tratado comercial anglo-russo firmado em 1921. A nota do sr. Rosenholz igualmente se insurge com energia contra o rispido tratamento infligido a diversos funcionários da delegação soviética e arrombamento dos cofres por meio de processos eléctricos.

A imprensa soviética desencadeia furiosos ataques ao governo inglês, apontando como principal acusado o sr. Chamberlain, que não desiste de vibrar um golpe decisivo nas relações entre os dois países.

Como quer que a representação soviética tenha afirmado, na conferência de Ginebra, que o levantamento económico da Europa não será possível sem o concurso da Rússia — como quem diz que o levantamento económico da Rússia não se fará sem o apoio da Europa — a imprensa soviética, que, com uma unanimidade que só se verifica na Itália, sob o regime fascista, apoia o governo e as instituições, também reclama a policia da Inglaterra ser funesta para o futuro industrial da Europa.

Enfim, este caso de Londres é um mero episódio da rivalidade excitada da Inglaterra contra o governo bolchevista que provoca, mas não se irrita...

As acusações dos bolchevistas

GENEBRA, 17.—O chefe da delegação russa à conferência económica disse, numa entrevista, que o insulto à casa «Arcos», que não era mais do que um escritório comercial, significava uma tentativa da Inglaterra para anular a cooperação dos soviéticos na solução do problema económico internacional.—(L.)

Uma longínqua repercussão

REVAL, 17.—A Estónia entregou ao ministro plenipotenciário da Rússia em Reval um «memorandum» declarando que as suas obrigações perante a Sociedade das Nações foram a suspender a conversação sobre um pacto eventual de garantia e não

EFEMERIDES

18 de Maio

- 1518.—Blancina, viúva de Gonçalo Ruiz, de 80 anos de idade, é condenada, pela inquisição de Valencia, a cárcere perpétua, porque, quando moça, ti-lha praticado actos suspeitos de judaísmo. E Carlos V, concordou plenamente com a sentença.
- 1582.—Jaurguy, biscaíno, animado pelo padre jesuíta, António de Timmermann —que o confessou e lhe deu a comunhão, tenta, em Anvers, assassinar Guilherme de Nassau, príncipe de Orange e libertador da Holanda.
- 1845.—Inaugura-se em França a primeira linha telefónica entre Paris e Rouen.
- 1899.—Inaugura-se em Berlim o congresso dos pedreiros alemães.
- 1909.—Morre o poeta e romancista inglês, George Meredith.
- 1922.—Reclamando aumento de salário, declaram-se em greve os tintureiros de Tourcoing (França).
- 1924.—Na esquadra das Mercês é morto um operário de nome Mário Bragança, que, pelos polícias dessa esquadra, havia sido preso, sem se saber porquê...

No regime capitalista

Marinha mercante americana

NOVA YORK, 17.—Segundo o *Daily Telegraph* o presidente concordou com o projecto para a construção de navios mercantes no qual se dispenderão 250.000.000 mas que o governo nunca poderia operar economicamente ou proficentemente a marinha mercante. (L.)

Pânico financeiro na Alemanha

BERLIM, 17.—O governo publica uma nota oficial negando qualquer responsabilidade nas determinações do Reichsbank que originaram a baixa da bolsa. Por sua vez o director daquele estabelecimento de crédito afirma não ter pretendido ameaçar os bancos mas evitar a saída de capitais para o estrangeiro e ainda as especulações. (L.)

Os negócios em França

PARIS, 17.—Nos quatro primeiros meses do corrente ano, as importações atingiram a cifra de 17 bilhões, menos 2 bilhões do que em igual período no ano passado. As exportações elevaram-se a 18 bilhões e duzentos e cinquenta milhões, mais 649 milhões do que no período correspondente em 1925. (L.)

O crise no Japão

LONDRES, 17.—O correspondente do *Times* em Tóquio, diz que se projecta a formação de um novo Banco que tomaria a seu cargo o pagamento dos encargos dos bancos que interromperam os seus pagamentos. (L.)

Navegação na Índia

MONTREAL, 17.—As companhias nacionais dos caminhos de ferro, reclamaram para serem postos ao serviço das *West Indias* 5 novos vapores para passageiros e carga, cumprindo assim uma das cláusulas do tratado de comércio realizado em 1925. (L.)

Um negócio que falha na Turquia

ANGORA, 17.—O governo não aceitou as condições propostas pelos banqueiros acerca das negociações sobre os coupons de Paris. (L.)

Pela Paz Universal

A sessão de hoje

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas realiza hoje, pelas 21 horas, na sede da Associação dos Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, n.º 21, 1.ª, uma sessão solene de propaganda pacifista e comemorativa da *«Paz Universal»*.

O operariado não pode ficar indiferente perante esta manifestação de carácter pacifista, devendo dar-lhe todo o seu apoio.

Na Universidade Popular Portuguesa

A Universidade Popular Portuguesa, na rua Particular à rua Almeida e Sousa, comemora hoje, às 21 horas, a convite do *«Bureau International d'Education»*, o *«Dia da Paz»*, com uma conferência pelo sr. Dr. Magalhães de Lima, sendo pública a entrada.

Camaradas presos

Ainda se encontra preso o nosso camarada Valentim Adolfo João, da Mina de São Domingos. Foi ontem transferido do hospital do Régio onde se encontrava, para o calabouço 4 do Governo Civil, onde poderá ser visitado.

Alexandre de Melo, outro camarada do Cercal do Alentejo, ainda se encontra doente na enfermaria do Limoeiro, cuja entrada, às quintas feiras e domingos, é das 10 às 12. No calabouço 6 do Governo Civil encontram-se ainda os camaradas Inácio Martins e Bento Mendes da Costa, do Porto.

Agressão entre os soviéticos e o seu país. (L.)

A inundação do Mississippi alastra

A área inundada é mais vasta do que o território holandês

NOVA ORLEANS, 17.—A catástrofe do Mississippi continua aumentando de proporções, tendo-se verificado uma nova fenda no dique próximo da Baía de Galles, pelo que causou a inundação de mais 600 milhas, estando as águas a submergir toda a bacia oeste, que se estende até ao golfo do México. A calamidade continuará por algumas semanas e esperam-se novas ruturas nos diques. A área inundada no Estado da Louisiana é três vezes maior do que a dimensão do território continental da Holanda e a mais rica do mundo. (L.)

Um verdadeiro mar

NOVA YORK, 17.—A zona ocupada pela cheia do Mississippi, desde sábado, é superior à da cidade de Londres. Verdadeiras esquadras têm transportado para pontos seguros mais de 3.000 pessoas. 800 cabeças de gado foram salvas por um vapor. (L.)

VELHA QUESTÃO

A DIVISÃO DA SERRA DE MERTOLA

Com vista aos habitantes de Cambas

Há alguns meses expuz nas colunas de *A Batalha*, em dois artigos, um pouco desta velha questão, frisando sem tibiezas o que ultimamente se tem passado em sua volta. Vou agora encetar o assunto dum modo geral tornando público a mais interessante pretensão dos habitantes da Região de Cambas, sem todavia afirmar: todos os interesses... pensam desta maneira? Não. Sómente a grande maioria dos vilipendiados sabe que estão interpretando os seus desejos. O bando de abutres que tanto tem aproveitado da ignorância atávica dos povos de Cambas, em questões jurídicas... da Serra, roubando-os e ludibriando-os sob a promessa de que ela um dia será dividida mediante o critério desta ou daquela «comissão», tem tido por fim principal levar os povos da parte de Cambas à desunião enquanto que os ladrões, uns directos, outros indirectamente, vão usufruindo uma riqueza incalculável que, bem aproveitada, representaria para os habitantes da parte de Cambas uma parte muito importante de satisfação das suas aspirações já agora inegáveis. Esse roubo descarado, a pantomina da promessa duma «divisão» feita por criaturas já conhecidas dos povos interessados, tendem a desaparecer no terreno falso das suas igualmente falsas afirmações.

Se é certo que os habitantes da parte de Cambas querem a divisão da Serra pela maneira, que ao maior número de moradores vizinhos calhe a sua pequena gleba, também é certo que, olhando o vizinho povo fronteiriço denominado Paimogo (Espanha) os mesmos devem sentir-se possuídos de vontade e capacitados para não só imitar os seus vizinhos paimogueses, fundando na sua *«Serra de Mertola ou Cambas»* um grande celeiro comum, mas o que é mais e muito melhor, empregarem esforços no sentido de fundar-se na *«Serra»* grande Sindicato Agrícola, com vastas funções agregadas para desenvolvimento, no futuro, de todas as concepções modernas, no campo social onde cabem todos os ramos de ciência e ideias tendentes a facilitar aos povos a sua marcha para um melhor bem estar.

E têm os povos da parte de Cambas, muitas probabilidades de conseguirem o seu almejado fim. Basta que escolham elementos dispersos, mas animados de boa vontade, que ali existem com certeza embora precisem de ser joierados.

Não pode a parte da Serra dos povos de Cambas, os que não se têm deixado ir nas cantigas dos seus «protectores», prescindir do auxílio dos poderes públicos superiores, porque só estes lhes podem facilitar os elementos técnicos que para início do seu grandioso empreendimento logo necessitariam. Os poderes públicos, porém, sómente deviam agir, impulsionando a obra dos moradores vizinhos de Cambas, porquanto qualquer interferência mal compreendida, podia ser prejudicial.

Fundado o Grande Sindicato, após a divisão da Serra todas as glebas contribuiriam com igual parte para a obra de todos. Das funções práticas desse organismo colectivo é desnecessário falar, bastando simplesmente citar que tudo seria obra dos moradores vizinhos da parte de Cambas, possuidores duma gleba na Serra de Mertola, tendente a fugir os «lorpas» que aspiram a «divisão» com o fim de apanhar, a troco da 1/2 litro de vinho e de artimanhas legais se apossarem de mais terrenos do que aquele em grande parte já roubado, o que se verifica pelas actuais falsas demarcações da *«Serra»*.—Um que não tem parte.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Coimbra

Entre estudantes e policia

COIMBRA, 14.—Deu-se na noite passada, nesta cidade, uma ocorrência turbulenta entre académicos e policia, no final dum espectáculo do Orfeão Académico. Uma discussão acalorada entre alguns agentes da autoridade e alguns académicos, por motivo de qualquer determinação legal, fez envolver em zaragata um grupo de estudantes e um grupo de policia. Pôs ponto final à refrega o commissário adjunto da policia.

Da refrega saiu um pouco confuso o cabo Matias. (C.)

Tortozendo

A crise de trabalho

TORTOZENDO, 15.—A crise de trabalho atingiu aqui o apogeu. Dezenas de operários já vagam pelas ruas públicas mendigando que fazer, o que é difícil. Alguns limitam-se a trabalhar de sol a sol pelo irrisório salário de 5000 diários. Isto além de ser revoltante é uma infâmia. Neste número estão incluídos os rurais. As restantes classes como a da construção civil e sapateiros além de trabalharem apenas 4 dias por semana andam quasi todos sem trabalho. Se o operariado não reconhecer o valor das suas associações profissionais, agrupando-se nelas, brevemente cairá no maior dos cataclismos até hoje registados. (C.)

Universidade Popular Portuguesa

Pestalozzi

Presidida pelo sr. Dr. José de Magalhães, realiza amanhã, às 21 horas, a Universidade Popular Portuguesa, uma sessão de homenagem a Pestalozzi, falando alguns professores e uma aluna da Escola Normal Primária. A entrada é livre.

MUSICA

Academia de Amadores de Música

Esta Academia realiza no próximo sábado, às 21 e meia horas, no seu salão, o nono concerto desta época com um soberbo programa de canto, harpa, piano, violino e violoncello, executado pelas sr.ªs D. Ester Butteller, D. Isaura Garriga, D. Dolores Verreyne de Sá, D. Rosa Gomes da Costa, D. Irene Denis e pelo sr. Francisco Benito.

Haverá também coros alentejanos por um grupo de alunos, precedidos de uma palestra pelo director artistico, sr. Tomás de Borja.

SEMANA DA CRIANÇA

Prosseguiram ontem as festas comemorativas d'êste empreendimento pedagógico

As comemorações de ontem Na Escola Primária n.º 5

Na Escola Primária n.º 5, de que é directora a sr.ª D. Laura Guerra, houve ontem às 12 horas recitativos e canto a 3 vozes, pelo orfeão, constituído por 70 alunos e dirigido pelo professor sr. Venancio Silva.

Na poesia merecem especial menção os alunos Ermelinda Pereira e Humberto Santos.

No canto a menina Cremilda Andrade, ex-aluna.

Houve depois exposição de trabalhos escolares.

Na Escola Primária n.º 36

Realizou-se ontem, na Escola Primária n.º 36, uma interessante exposição de trabalhos dos alunos de 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, que constou de desenhos, trabalhos de costura e de barro, bordados e cartanagem.

O que há hoje em Lisboa

O dia de hoje é destinado à recitação ou leitura, feita por adultos ou crianças, perante um auditorio infantil, de histórias apropriadas. À tarde, exposição de material didáctico, precedida duma conferência sobre o mesmo assunto.

À noite, conferências para adultos sobre os fins e meios da reforma da educação em Portugal. Às 21 horas, na Cantina Escolar de São Mamede, rua do Salitre, o sr. Luciano Silva dissertará sobre «A colaboração dos pais, professores e educadores no combate aos flagelos infantis».

As crianças da escola da construção civil de Palma e Arredores visitam o jardim do Campo Grande e o Museu Bordalo Pinheiro.

No programa das comemorações que hoje se realizam, figura uma emissão rádio-telefónica, transmitida, pelas 22 horas, pelo posto amador P. I. A. A., gentilmente cedido à Comissão Realizadora pelo seu proprietário sr. Abílio Nunes dos Santos Júnior.

Fazem parte do programa: uma palestra sobre educação infantil, pela professora sr.ª D. Vitória Pais; concerto pelo Orfeão Infantil da *«Voz do Operário»*; mensagem das crianças de Lisboa às crianças de Portugal e de todo o Mundo; contos para crianças; pregões populares portugueses, e vários números de música, todos executados por crianças.

Na sede da Comissão, Rua da Madalena, 225, 1.ª, realizar-se-á uma audição especial para crianças e pessoas de família que as acompanham, graças a um esplêndido aparelho amavelmente oferecido para esse fim pela casa *«Rádio Vitória»*.

A comissão pede aos amadores senilistas da provincia o favor de procurarem:

TIVOLI
As 21 horas e 15 minutos
O drama da Montanha:
O CAÇADOR FURTIVO
Super-produção da U. F. A. de Berlim, com CARL DE VOGT e HELGA THOMAS. (Sete partes).
GASTANDO LOUCAMENTE
Comedia em 7 partes, com BETTY BALFOUR
REVISTA CINEMATOGRAFICA
Orquestra sob a direcção do Mestre
NICOLINO MILANO
Amanhã: Matinée às 15 horas

A SAÚDE PÚBLICA

Uma grave epidemia interictosa em Loriga

Um dos médicos que a combatiam foi por ela contagiado, havendo numerosos casos

Recebemos o seguinte comunicado da Direcção Geral de Saúde:

«Sabendo por noticias que em Loriga grassava doença infectiosa, ordenou a Direcção Geral de Saúde que o sub-inspector de Saúde de Seia visitasse a povoação, onde encontrara cerca de 30 doentes que lhe pareciam atacados de febre tifoide, para tratamento dos quais pedia socorros pecuniários e de enfermagem. Enviou-se-lhe imediatamente a verba de 2.500\$00, autorizando a contratar no local pessoal de enfermagem.

Dadas as instruções para o combate da epidemia, fez-se-lhe sentir a possibilidade de se tratar do tifo exantemático, o tabardillo que por vezes rebenta nas duas Beiras, confundindo-se frequentemente com a febre tifoide.

O sub-inspector insistiu no seu diagnóstico, mas, em virtude da aparição de novos casos e de mais porfiada observação, concluiu pela existência do tabardillo, participando-o telegraficamente em 7 do corrente. A Direcção Geral de Saúde tomou as providências urgentes que o caso requeria. O inspector de epidemias, dr. Alberto de Faria, partiu imediatamente para Loriga, acompanhado pelo chefe da Repartição de Saúde.

Um vagão com 50 camas completas, tintas de banho, aparelhos de desinfecção, desinfectantes, fatos e roupas, prontificado logo no domingo 8, pelo administrador do Posto de desinfecção, seguiu nesse mesmo dia e com ele um chefe de desinfectadores. Doze centos eram entregues para as despesas do combate da epidemia e assistência aos epidemiados.

Verificado o diagnóstico, o inspector de epidemias organizou no local sem perda de tempo o plano de defesa. O balneario para o despoilhamento geral instalou-se no edificio duma capela em construção, e em dois prédios próximos com acquiescência dos seus proprietários montou-se o hospital para os epidemiados com casa própria de banho e posto de desinfecção nas trazeiras para as roupas dos despoilhados. Estas instalações três dias depois estavam em pleno funcionamento, com tudo regulado pelas instruções deixadas. Prestaram a mais de-

proporcionar esta audição ao maior número possível de crianças das suas localidades, cooperando assim com as commissões locais de realização da *«Semana da Criança»*.

T. S. F.

Programa da emissão organizada pela Comissão Realizadora da Semana da Criança dedicada às crianças de Portugal e de todo o mundo e transmitida pelo posto P. I. A. A. do amador sr. Abílio Nunes dos Santos Júnior, pelas 22 horas de hoje:

- 1.ª Palestra sobre a educação infantil pela professora D. Vitória Pais.
- 2.ª «O Sol», marcha.
- 3.ª «Valsa» Eolise, pelo Orfeão Infantil da Voz do Operário.
- 4.ª «O João Pateta», conto pela professora D. Judite Vieira.
- 5.ª «Sol brilhantes» marcha.
- 6.ª «Madrugada», marcha, pelo Orfeão Infantil da Voz do Operário.
- 7.ª «Dr. Grilo» conto pela professora D. Judite Vieira.
- 8.ª Mensagem das crianças de Lisboa às crianças de Portugal e de todo o mundo, emitida em português e francês.
- 9.ª Pregões populares, por uma aluna ensaiada pela professora D. Judite Vieira.
- 10.ª Números de música, por crianças da escola primária n.º 71.

Em Alcobaca

Na passada segunda-feira iniciaram-se em Alcobaca as festas da *«Semana da Criança»*, devido à iniciativa dos professores sr. Bernardo de Almeida e D. Amélia de Almeida, havendo sessão solene e exposição de trabalhos escolares na escola primária da vila.

Ontem prosseguiram as festas, visitando as crianças as escolas de vestimenta.

Para os dias seguintes está elaborado o seguinte programa:

Quarta-feira, 18.—Excursão de estudo a Pataias.

Quinta-feira, 19.—Dia do Animatógrafo Educativo, com sessão de cinema e um programa previamente escolhido.

Sexta-feira, 20.—Dia dos pequeninos e dos brinquedos, confraternização infantil na *«Jardim Escola João de Deus»*.

Sábado, 21.—Dia da festa ao ar livre. Concentração de crianças em Chiqueda e confraternização com divertimentos livres, canto coral, merenda, etc.

Às 21 horas conferência no Teatro Alcobacense, sobre tratamento, higiene e educação de crianças, sendo conferente o sr. dr. Alvaro de Caires.

Em Marinha Grande

Em Marinha Grande prosseguem as festas comemorativas da *«Semana da Criança»*, havendo uma recita infantil no Teatro Guilherme Stefens.

“O CAÇADOR FURTIVO”
Uma história de amor, tendo por cenário os rochedos, os abismos, as cascatas bravias dos Alpes de Tirol. A luta com os elementos endureceu o coração dos homens. Quando inimigos enfrentam-se como ferros...
Scenas de grande emoção, rixas, ascensões perigosas, caçadas, e, finalmente, a avalanche gigantesca.
O principal papel deste «film» pertence a Montanha. Os artistas serão os seus companheiros. JOHANNES MEYER, o realizador, e GUSTAVE PREISS, a quem se deve a fotografia incomparável de *«O Caçador Furtivo»*, fizeram deste «film» um «cântico de glória à Natureza».

“Gastando loucamente”
É toda a fantasia, todo o pitoresco, toda a sedução de BETTY BALFOUR no papel de uma jovem milionária.
O «film» é o sorriso de Betty Balfour.

Está novamente em foco

a Escola Industrial de Marinha Grande

À primeira vista, e ante a reabertura da Escola Industrial Guilherme Stefens, de Marinha Grande, há de supor-se que o perigo que tão seriamente a ameaçava desapareceu, deixando-a em paz, de novo embrenhada no afan grandioso e benéfico de espalhar a instrução. Mas, infelizmente, segundo nos afirmaram, esta reabertura fez-se simples e unicamente para atender a reclamação que os alunos fizeram, depois do encerramento.

A Escola Stefens está apertada por uma autêntica cadeia de ferro que a estrangula à primeira ordem dos seus inimigos fideis. Não há para ela salvação possível. E não há porque, nos tempos que correm, a voz da verdade é desprezada e escarnecida tantas vezes, enquanto que a mentira impera e domina como senhora absoluta.

Causa pena assistir ao desmoronar dum melhoramento tão importante. Revolta verificar que a inveja desvaia os homens, e leva-os a cometerem verdadeiros crimes. Enoja o constatar que meia dúzia de paquidermes, para atingirem os que odeiam, não tenham relutância em originar o desaparecimento dum estabelecimento de ensino, onde a infância marinhota vinha colhendo tão úteis e tão belos ensinamentos. Os que pedem o aniquilamento total da Escola, não têm um minuto de descanso, não param um momento sequer.

Eles querem a escola fechada custe o que custar. Não se olham aos meios, para atingir os fins. O que importa, o principal, é roubar o pão ao corpo docente, no qual estão indivíduos por quem nutrem um ódio... político.

Mas, os alunos, sofrem com isso?

Que importa tal coisa, quando é mister levar por diante a sanha da imoralidade?

A vingança impõe-se e portanto nada de desânimos nem de complacências.

Os jornais falam no caso protestando com veemência contra o crime?

Há já outra representação assinada por pessoas em destaque na Marinha Grande. Nada valerá. Terão que sossobar. Chegou o momento de nos rirmos desses enfatuados senhores, que têm estado de posse do queijo e da faca. É isto que anima os indivíduos que constantemente estão enviando representações ao ministro da Instrução.

A durandina de Damocles está prestes a cair sobre o tuitio da Escola, para lhe roubar a vida tão preciosa.

Sentirmos certo prazer, vendo-nos face a face com o famoso grupo. Havia de ser muito interessante ouvi-los expor as causas que os levam a tão infame procedimento.

Contudo estamos absolutamente convencidos de que eles não virão mostrar-se. A sombra e calada da noite, é mais preciosa para os maneios dos cretinos e dos cobardes.

A baba repelente que expelem cai assim mais fácil, contaminando mais a guardado, sem perigo duma desintoxicação em forma.

No dia 31 de julho, fica o espanholo dessa obra criminoso e lamentável. Desde esse dia a Escola Stefens, encerrará as suas portas, e não mais prestará à Marinha Grande os seus benéficos préstimos.

De 31 de julho em diante, ficam satisfeitos os inimigos da Escola.

Sabemos e damos como certa a sua extinção, mas também podemos afirmar que o seu encerramento dará que falar.

Do lado de lá estão os encapotados, empenhados com bárbaro ardor em levar a cabo a obra sinistra. Do nosso lado estão todas as pessoas de coração, conscientes e dignas, incapazes de atascarem a consciência, secundando a acção desse grupo.

Há dois grupos em campo: o dos homens leais e honrados, verdadeiramente dignos desse nome, e o dos inconscientes que têm à frente um verme asqueroso que empoenha todos os objectos em que toca.

O seu nome, em breve, virá para estas colunas.

A. F.

TEATROS

MUSICA

CINEMAS

EDEN-TEATRO

Uma peça engraçadíssima

O público que ontem affluu ao Eden, rin do principio ao fim dos espectáculos com as engraçadas peripécias da opereta *«Um filho de III classe»*. As aventuras dum professor, transformado à força em soldado as peripécias que se passam nos 3 actos, entre os vários personagens da opereta, a linda música, o aparato, os lindos bailados tudo em conjunto, muito divertiu os espectadores que entusiasticamente aplaudiram a obra. Hoje a companhia Almeida Cruz repete a opereta *«Um filho de III classe»*, levando-a a scena em duas sessões, por preços populares.

COLISEU

Charlot e «Lili, rei dos gaitos»

Recomeçam hoje no Coliseu dos Recreios os espectáculos cinematográficos com um programa que vai provocar sensação. Deste programa constam as 2 primeiras jornadas, divididas em 12 partes, do grandioso *«film»* de arte *«Lili, rei dos gaitos»*, em que tanto se notabilizam os prodigiosos actores infantis Ivette Langlais e Roby Guichard, duas adoráveis crianças mundialmente célebres. As duas jornadas que hoje se exibem intitulam-se: 1.ª *«A rainha pequena»*, 2.ª *«Uma rainha num pombo»*.

No programa de hoje figura ainda uma produção do genial Charlot: o *«film»* em 3 partes *«Dia de Férias»* completando o espectáculo o jornal de actualidades *«Revista Mundial»*.

Sarau de arte

Está despertando grande interesse o sarau de arte que se realiza no proximo dia 21 no Coliseu dos Recreios, no qual faz a sua apresentação a banda da Academia Instrução e Recreio Familiar Almadense com o seu coro misto, o seu Orfeão Infantil e a sua Orquestra de Saxofones num total de 170 figuras.

Espectáculos de hoje
TEATROS
São Luís—A's 21,30—«Bairro Alto».

Eden Teatro.—A's 21 e 23.—«Um filho de 3.ª classe».

Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—«A Sagrada Família».

Avenida.—A's 21,30.—«O bom ladrão».

María Vitória.—A's 20,45 e 22,45.—«Reviravolta».

Salão Foz.—A's 15 e 21.—«Secretário dos amantes».

Joaquim de Almeida.—A's 20 e 21.—Cinema e variedades.

MARCO POSTAL

Elvas—Ass. dos Rurais.—Recebemos 7850, que pagam a assinatura do corrente mês.

Montemor-o-Novo—Ass. dos Rurais.—O vosso recibo do mês de Abril, foi pago conforme vossa indicação a C. G. T.

TEATRO MARIA VITÓRIA

TELEFONE N. 3644

Direcção artistica de António de Macebo

HOJE—Quarta-feira, 15 de Maio—HOJE

2 sessões—2—A's 8 3/4 e 10 3/4

A revista triunfante de grande successo

REVIRAVOLTA

ampliada com o novo quadro

OPERA POPULAR

que alcançou um êxito extraordinário—Brilhante desempenho de toda a Companhia

ENCHENTES SOBRE ENCHENTES

2—soberbos finais de acto—2

BREVEMENTE—A opereta portuguesa original do sr. Mário Monteiro

ESTRELA D'ALVA

Música da maestrina brasileira D. Francisca Gonzaga.

AVISO—Estão suspensas as entradas de favor e os bilhetes de convite.

Coliseu dos Recreios

HOJE—Às 9 da noite—HOJE

Grande espectáculo animatográfico

O comovedor e empolgantissimo

cine-romance de Pierre Gilles

(L.ª e 2.ª jornadas)

TITI, REI DOS GAIATOS

Criação assombrosa dos geniais e pequenos actores Ivette Langlais e Roby Guichard e dos grandes artistas Jean

Touot, Jeanne de Balzac, René Herpel, André Marnay, Lucien Dalsace, etc.

O engraçadissimo «film» em 3 partes do grande cómico CHARLOT

DIA DE FERIAS

REVISTA MUNDIAL (1 parte)

PREÇOS POPULARES

Roberto Nobre
Espíandio livro, que é um verdadei-
hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras.
A' venda nas livrarias, ao preço de \$600 e
acóbrança, de \$700.
Pedidos à **Livraria Renascença**, de J. Car-
doso, editor. Rua dos Poiais de São Bento
27 e 29 e à Administração de **A Batalha**,
calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa-
Portugal.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 53 desta nove-
intitulado **Laude Amor** por Elias Garcia
Preço, \$60.—Pedidos à administração



NO NORTE

Está sendo distribuída largamente uma apologia da célebre encíclica "Rerum Novarum"

Pelas frinchas das portas das habitações e pelas laboriosas bancas das oficinas, a mão surradora do catolicismo distribuiu profusamente um manifesto comemorando a faustosa data em que foi escrito o elixir da *Rerum Novarum*.

Ao domicílio, como quem envia ao cliente impaciente umas centenas de quilos de carvão de pedra encomendados nos depósitos da famigerada empresa das minas de São Pedro da Cova, foi levada a retalha a lembrança apagada do Grande Defensor do Povo, de um excelso e obelisco Amigo dos Operários: Leão XIII.

Em casa dos humildes pode não haver uma fatia de pão, principalmente nestes tempos em que as farinhas ainda andam em descansa vilagatária por regiões desconhecidas de mares ainda não obrigados pelo binóculo das necessidades públicas. Mas os desgraçados proletários ficam sabendo por alguns momentos de concentração memorial, que um velho, que já repousa em muniada postura no encerro de uma opulenta catacumba, teve o papalino e virtuoso cuidado de produzir uma incipiente pela qual os oprimidos são santamente recomendados aos benevolos tratos dos seus exploradores.

A *Rerum Novarum*, ditada do alto destinava-se a levantar, na estrada das reivindicações proletárias, densíssimas nuvens de poeira que aterrassem as cavidades olhares dos incautos que acreditavam na sinceridade romana do sumo pastor da Igreja.

Infelizmente para a Humanidade sofredora, em proveito criminoso da humanidade tirana, os caminhos derrancados da Desgraça estão empapados pelas lágrimas alivadas das privações: não há poeira que turbinhe no espaço e emsombre o sol das realidades. Em compensação sobra a lama que conspurca o coração dos déspotas e dos impostores do turbulento.

A *Rerum Novarum*, leoninamente forjada intramuros da palatina residência dos papas, é bem uma papa de linhaça aplicada para diminuir a inflamação progressiva contra o predomínio do capitalismo e, portanto, contra a religião castradora que lhe serve de base angular.

A *Rerum Novarum* é um raio habilidosamente vulcanizado pelos ciclópicos esforços dos folios do Vaticano, para fulminar as tendências do socialismo moderno, para aplacando a "sede das inovações e a conservação numa agitação febril", evitar que ela derive "da região política para a esfera vizinha da economia social".

O Vaticano, previdente na sua argúcia política e econômica, preparou com a *Rerum Novarum* um socialismo de trazer por casa, a fim de que o mundo com as suas estupéficas riquezas, não venha a ser derrubadoramente estocado.

Improfícuas tentativas as empregadas para salvar o magnificíssimo edifício da sump-tuosidade cristã!

A encíclica lançada ao vento das disparidades religiosas há 36 anos (1855-1891), falamos, em verdade, na "concentração da riqueza nas mãos de um pequeno número, em contraste com a indigência da grande multidão". Alude mistificadamente, ao monopólio do trabalho e do papel de crédito, que se tornou o quinhão de um pequeno número de ricos e opulentos, que por essa forma impõem um jugo quasi servil à imensa multidão dos operários.

Que princípios salutares e práticos opõe a toda esta barbaridade desigualitária, exclusivista, sanguessugadora? Apegando-se com unhas e dentes, ao recheio bestialmente fantástico da capitalização das pirâmides fortunas universalmente canalizadas para Roma—aconseha a esse mesmo pequeno número de ricos e opulentos, de cujo grupo mandibular a cidade eterna é a principal e incisiva queixada, que seja um pouco menos violento nas suas extorsões, e aos defraudados trabalhadores que apalpem grandes camândulas, ainda mesmo que as suas grossas contas sejam aproveitadas dos "carroços de azeitonas, de muito agrado de velhas beatas".

O supradito evangelho social de Leão XIII, agora recordado num simples manifesto, já que ninguém o tinha retratado na ideia decorativa dos assuntos estimados, joga também esta bisca, artificialmente batida na mesa das prestidigitadas católicas: "... recordem-se o rico e o patrão que exploram a pobreza e a miséria, e especulam com a indigência, são causas igualmente reprovadas pelas leis divinas e humanas, que seria um crime de clamar vingança ao céu, de fraudar qualquer operário na remuneração do seu laboro".

Dobrados 36 anos sobre esta pia pregação, os ricos e os patrões católicos cada vez se resingam mais nas suas torpes especulações.

Leão XIII foi chamado à divina providência da morte à qual ninguém escapa: nem rei, nem bispo, nem papa, no dizer irônico do comedante monólogo. E como morrendo o bicho, falece a pegoñha—os devotos patrões e capitalistas da santa madre igreja, não temendo qualquer anátema excomungatório do autor da *Rerum Novarum* atirada para a montureira das inutilidades, agravaram a miséria e a indigência com o correr malicioso dos ferrolhos das suas fábricas e oficinas, empurrando para o desemprego milhares de criaturas que se debatem com a fome, enquanto eles passam os seus es-paumentos... e trazem em exposição provocante os seus atchados e rotundos abdô-mens... sustentando ricas cadeias de ouro.

Qual a medida indicada para suprir este escandaloso desprezo às próprias prescrições legadas pelo santo Leão XIII?

A organização do proletariado em coletividades sociais-cristãs, isto é: num sindicalismo de sacristia, em cujo seio se erga um altar religioso em frente do qual deve genuflectir os seus oficiais divinos em ação de graças pelo Estado... católico visto que, na afirmação da *Rerum Novarum* o Estado pode tornar-se útil às outras classes, assim também pode melhorar muitíssimo a sorte da classe operária.

Reconhece que os "patrões esmagam os trabalhadores sob o peso de ónus iníquos, mas para isso desaparecem receita

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Sobre organização

IV

As duas classes antagônicas

A evolução da estrutura, do modo como se faz o tecido social, dos diversos agregados sociais, apresenta-nos dois aspectos, cujo progresso e desenvolvimento dum deles se faz sempre à custa do outro. A existência dum é a morte do outro. A existência simultânea de ambos é, portanto, uma fonte perene de conflitos internos.

Um desses aspectos é a organização natural, estável, pacífica, produtora de utilidades, contratual, por necessária e espontânea adesão dos indivíduos, para realizarem o seu fim, o seu ideal social, e, efectivamente, por si mesmos, em plena e livre consciência, sem qualquer outra intervenção, ou imposição,—o princípio da socialidade.

Outro é o aspecto contra natura, coercivo, que forma o invólucro, a periferia, a fronteira fechada e exclusiva que serve de limite ao organismo social; sob este aspecto desenvolve-se a violência, o despotismo, o arbítrio do mais forte.

Na escassez das subsistências e à minúcia de engenho e de conhecimentos para produzir e ainda por falta de raciocínio para avaliar a superioridade da acção voluntária conjugada dos indivíduos sobre a dispersão de forças, a luta, a concorrência,—os seres humanos viam, e ainda vêem respectivamente nos outros agregados e ternos sociais outros tantos inimigos que lhes tornavam eternamente difícil a vida. Daqui o carácter de hostilidade que há para com todo o agregado estranho aquele em que se vive e a tendência feróz para considerar inimigo todo aquele indivíduo que não pertence ao agregado, tendência essa que chega a atingir o máximo no facto de não se poderem ver os indivíduos pertencentes aos demais agregados, hordas, tribos, clans, sem que não travem imediatamente luta,—luta cruel, sanguinolenta, raivosa. É o ódio contra o estrangeiro.

É nesta luta, neste ataque e nesta defesa em que a força se opõe à força, para manter uma pretensão intangibilidade e uma absoluta e valiosa supremacia, de "povo eleito",—que surge, se distingue e se eleva dentro de cada agregado aquele que, pela sua força e idade que é sinal de saber,—mais aptidão tem em matar o seu inimigo, aquele que mais valor, mais presteza tem em fazer mortes, subjugando, aniquilando, fazendo razias nos agregados seus vizinhos e seus concorrentes na luta pela existência.

Desta habilidade em matar, desta especialidade honrosa em destruir vidas, de ser valentão e fanfarrão, surge dentro de cada organismo social o predomínio dum homem, dum chefe, cujo poder transmite-se e espalha-se a um pequeno grupo de entes que passam a mandar nos restantes seus semelhantes—assaz ingenuos para lhes suportarem a validade atrevida de impostos e mistificadores.

É este núcleo de aventureiros rufianeses, alargando-se e vencendo-se através da história, cria em nome da sua força violentamente, uma hierarquia em que os indivíduos humanos são escalonados em dois grandes aglomerados.

Desta fase, a guerra, nasce, pois, dentro de cada sociedade duas classes de indivíduos,—uma, a maioria,—a dos pacíficos, a dos que trabalham, dos que aplicam o seu engenho e energias em produzir utilidades, dos que criam o património da humanidade, que nada têm e a que é devido todo o progresso e todas as utilidades produzidas na Terra; outra, a maioria dos guerreiros e guerristas, dos profissionais da violência, dos estranguladores da liberdade humana, dos carrascos sangrentos que vivem à custa do trabalho alheio ou da rapina, dos que tudo têm e de tudo dispõem, dos que mandam, dos que governam.

A primeira é a chamada classe dos fracos,—das mulheres, das crianças, dos cativos, dos escravos, dos servos da gleba, dos vassallos, dos súbditos, dos proletários; a segunda a dos chamados fortes, a das "forças vivas" que usando e abusando dessa qualidade chegam a convencer a maioria ignorante e ingênua, que são realmente invencíveis, insubstituíveis e superiores por dom e natureza.

É dos mais fortes, dos mais atrevidos no batalhar que nasceram as classes privilegiadas das minorias, cuja base fundamental é a qualidade de militar. É da classe militar, do guerreiro, que nos vem a aristocracia, os eunpátridos, os patricios, os suzeranos, os senhores. É dela que provém a desigualdade social e das riquezas, é dela que vem o modelo autocrático dos chefes, dos poderes, da subordinação social escalonada e hierarquizada, da divisão dos indivíduos em governados e governantes, em explorados e exploradores, que conservam o monopólio do mando, do discricionário e absoluto.

Toda a luta envolve a ideia de vencedor e vencido, cuja vida quando é poupada, é a dum escravo, e, implicitamente, é a elevação, o predomínio do vencedor, dum indivíduo que se distinguu e tende a desenvolver-se à custa doutro que se rebaixa, que se submete.

As guerras dos governantes criam sobretudo agregados artificialmente dirigidos, mandantes, despóticos e tirânicos, que adestrados para a luta, criam pela sua própria condição de vida, outras guerras, outros combates, e aperfeiçoam-se no sentido assabaneador da sua onnipotente intervenção brutal em toda a actividade e manifestações sociais.

É neste aperfeiçoamento, neste desenvolvimento de casta aguerriada, e, tendo passado o vencedor a ser incorporado no agregado vencedor, confundindo-se com os fracos, com os escravos já lá existentes,—a classe superior, a aristocracia, a vencedora, passa a confundir, no seu ódio e desprezo oligárquico, e a considerar seus inimigos, não só os povos vizinhos, estranhos ao seu agregado, mas também a classe inferior, a população, a grei, a ralé, a canalha desse agregado, que luta pelo pão, pela liberdade e por uma igualdade só prometida, às vezes, mas nunca efectuada.

Assim o estrangeiro é considerado um inimigo e julgado como um criminoso; o indivíduo da classe baixa é considerado um criminoso e julgado como um inimigo. A classe militar, a preponderante, arvorada em poder político, quer tenha o rótulo de monarquia ou república, quer se chame aristocracia ou democracia, ciosa e monopolizadora do vigarismo patriótico, ela procede de igual forma contra o inimigo exterior como contra os que ela considera

Reclamações Ferroviárias

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, entregou ontem no Ministério do Comércio uma nova exposição, onde expõe, entre vários assuntos, a questão dos ferroviários que estiveram presos e que não se tendo provado contra eles foram demitidos; questão dos eventuais com mais de 3 anos de serviço nos Caminhos de Ferro, visto estes estarem ao abrigo dos artigos 399 e 413 do Decreto 8924. Tratou também da questão dos bilhetes de identidade.

Na presidência da República, foi a Comissão recebida pelo dr. sr. Nobre da Veiga, a quem fez entrega de idéntica exposição à que foi entregue ao Ministério do Comércio, prometendo aquele senhor tratar do assunto junto do sr. presidente.

O jornal *Diário de Notícias* publicou a nota desta Comissão de 17, completamente mutilada, tirando-lhe por esse facto o seu verdadeiro sentido, e originando assim, aquele senhor mostrar à Comissão a sua estranheza pelo, que dizia a referida nota. A Comissão fez-lhe sentir que culpa alguma tinha do referido jornal ter deturpado a mesma, mas afirmou que a nota enviada era igual à que foi enviada ao jornal *A Batalha* que a publicou na íntegra, o que se constata naquele momento pela sua leitura. Apenas ha acrescentar à questão dos eventuais, este esclarecimento: aquela entidade disse que a Companhia dava 3 meses de vencimento ao pessoal adventício que é o pessoal com menos de 3 anos de serviço; se não quisesse ficar ao seu serviço em novas condições.

A Comissão volta ali novamente hoje e no próximo sábado ao Ministério do Comércio, para o que já tem audiência marcada.

A mesma Comissão entrevistou também o coronel sr. Daniel de Sousa, sobre os ferroviários que ainda se encontram presos, tendo aquele senhor informado que não podia dizer mais do que anteriormente havia dito.

A aludida Comissão solicitou daquela entidade para que dentro das suas possibilidades contribuisse para a libertação dos mesmos.

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos. Assinaturas trimestre 6\$00—Anual 2\$00. Pedidos à administração de "A Batalha".

O caso do pairoleiro de máquinas do vapor "Lourenço Marques"

Sobre a publicação em *A Batalha* de 12 do corrente, dum nota oficiosa dimanada do Sindicato do Pessoal de Cámaras da Marinha Mercante, procurou-nos uma comissão do pessoal de fogo do vapor "Lourenço Marques", acompanhada dum lista com várias assinaturas, protestando contra a referida nota, na parte referente às horas suplementares do mesmo pessoal, visto que, segundo afirmaram os comissionados, o pairoleiro José de Almeida sempre lhes pagou relativamente ao trabalho extraordinário feito.

De conformidade com o desejo dos interessados se faz a devida referência.

Inimigos interiores, tratando os vencidos como criminosos e estes como fora da humanidade.

O crime social, político, isto é a diversidade de opinião, e de ideais sociais, só existe dum lado, daquele em que está a classe subjugada. Os membros da classe superior, isto é, dos que governam, esses e só esses, têm o direito de vida e de morte sobre a pessoa dos seus vassallos, súbditos ou cidadãos. Só eles podem prender, enforcar, fuzilar, matar aqueles que não têm a mesma opinião, o mesmo credo social. E se os contrários se revoltam e exigem liberdade de acção e de opinião são criminosos da pior espécie, facinorosos, etc., etc.

Para a classe que domina, que tem a força armada, os tribunais, prisões, a engrenagem trituradora das leis e da violência, a ideia de crime, de abuso do poder da sua parte, nem sequer lhe ocorre e julga que o despotismo que exerce é a simples confirmação dum ordem preestabelecida, acatada ou pretendidamente acatada pela maioria ignorante dos seus direitos e deveres.

Daqui o considerar-se como criminosos ferozes, como terríveis inimigos... interiores, aqueles que são tidos como adversários políticos, havendo para eles leis de excepção, e sempre muito mais violentas e torturantes do que as que são concebidas para punir os actos mais repugnantes dos chamados delictos comuns e de sangue. A luta contra o adversário político ou social, de classe, é muito mais canal.

O poder governamental, a organização social baseada no predomínio do mais forte sobre o mais fraco, do guerreiro, assassino e rapinante, sobre o pacífico, produtor e trabalhador, é a usurpação pela violência dum classe, criada numa época de lutas externas que se converteu num núcleo de indivíduos exploradores e que em nome desse perigo externo, alargou e intensificou a sua acção sobre os indivíduos do respectivo agregado. A ingenuidade destes deixou que medrassem os impostores, os vigaristas do bluff governamental.

É, portanto, na classe guerreira primitiva que nós vamos encontrar os embriões dos chefes, dos reis, dos governantes, do poder político. Nos chefes se acumulam todos os poderes e elementos de força, e numa natural tendência eles procuram mandar em tudo e por tudo, abusivamente, na economia, na família, na arte, na ciência, na moral, na justiça e na política.

E se não bastasse a força, a violência para submeter os ingênuos, ainda há a auxílios da embrulheira religião ou a tendência evermerista que lhes empresta o carácter de serem na terra a imagem dum deus, a expressão dum poder divino. A classe sacerdotal e a classe militar, posto que distintas, são no fundo uma só, visto que não podem viver separadas e correspondem ao mesmo psiquismo social. A cruz e a espada viveram sempre intimamente associadas: ao período dos padres-reis sucedeu o dos padres enfeudados no poder político e esse espírito ainda hoje existe.

CRISE DE TRABALHO

Uma representação da Associação dos Tanoeiros de Lisboa ao governo

A Associação de Classe dos Operários Tanoeiros de Lisboa entregou ao presidente do ministério e aos ministros das Finanças, Comércio, Colónias e Agricultura uma representação sobre crise de trabalho de que recurramos os seguintes períodos:

Ex.ª: Encontrando-se neste momento, a classe dos operários tanoeiros a braços com a mais negra miséria, por motivo dos seus componentes se encontrarem quasi na totalidade privados de angariarem o pão indispensável para o seu alimento e dos seus, vem este organismo, na qualidade de seu legítimo representante, reclamar e expor a V. Ex.ª, os motivos desta triste situação e simultaneamente indicar-vos os meios de a debelar.

Assim, principiamos por esclarecer V. Ex.ª, dos motivos da crise de trabalho que atravessa, presentemente, a indústria tanoeira, que sinteticamente são:

a) A grande diminuição sofrida na exportação vinícola, motivada por:

b) A grande crise económica e financeira, que presentemente atravessam as províncias ultramarinas, circunstância esta que determina o quasi completo retraimento de compra por parte das classes laboriosas, sendo o vinho um dos produtos mais atingidos, não obstante ser, quasi na totalidade, exportado pela metrópole.

c) As elevadas taxas de direitos alfandegários aplicadas aos vinhos exportados pela metrópole para as províncias de Angola e Moçambique, taxas estas que constituem quasi a completa proibição de entrada de vinhos nacionais naquelas províncias, pois atingem por litro 60 centavos nos vinhos comuns e 400 nos generosos.

Quasi se torna inacreditável, mas é autêntico. Julgamos não haver de mais contraproducente e ruinoso para o comércio de vinhos e para o país que encontra neste um dos maiores factores de produção e riqueza nacional e ao qual está ligada a indústria de tanoaria.

d) A lamentável falta de capacidade directiva por parte das classes que constituem este ramo de comércio, falta esta que chega ao descalabro de serem colocados vinhos espanhóis nos mercados do Brasil, Noruega, Bélgica e tantos outros países onde os vinhos portugueses tinham a supremacia visto que, pela sua qualidade regional e alta gradação que contém, sobrepeem-se a todos os vinhos mundiais.

e) A demasiada carestia dos fretes terrestres, e marítimos e fluviais, que sensivelmente oneram os produtos vinícolas.

f) A falta de protecção por parte do Estado ao Comércio de vinhos e à indústria tanoeira, que são inter-dependentes.

g) A diminuta capacidade monetária dos exportadores de vinhos e dos possuidores das indústrias subsidiárias.

h) Finalmente, a falta de tratados de Comércio com a adopção do regime de permuta com os países estrangeiros, de forma a que seja assegurada a estabilidade do comércio de vinhos portugueses a par das seguintes medidas de fiscalização e repressão sobre os "mixórdios" desde o ponto de cultura ao de exportação.

Sobre este ponto, afigura-se-nos de capital importância chamar a atenção de V. Ex.ª, para que, junto do restantes membros do governo faça tudo quanto lhe se já possível, para que o mesmo tome as providências que reclamamos, ou as que, por ventura, melhor entender, no sentido de evitar que seja exportada, como vinho, toda a qualidade de "mixórdia" que criaturas pouco escrupulosas não hesitam em atirar para o estrangeiro, sem atenderem a que, para saírem a sede da riqueza, enfraquecem e diminuem o prestígio de Portugal, adulterando os seus produtos.

Neste sentido afigura-se-nos, como base principal para o rejuvenescimento da indústria e do comércio exportador de vinhos a consequente intensificação da indústria tanoeira,—da qual vivem alguns milhares de operários—o imediato estudo dos motivos que vimos de apontar, porque são a fatal consequência da crise de trabalho em que a classe signatária presentemente se encontra contendo só em Lisboa—que o número de tanoeiros é menos diminui 90 por cento sobre o do norte (Porto e arredores)—cerca de 400 desempregados, alguns dos quais a falta de recursos monetários já arrastou ao suicídio, como é publicamente conhecido.

Para pôr termo a este estendal de miséria e tragédias, que só por si demonstram bem visivelmente quanto é precária a situação que se atravessa, tomamos a liberdade de submeter à apreciação do alto critério de V. Ex.ª as seguintes reclamações de carácter imediato, que é tudo quanto achamos mais justo e humano:

1.ª A instituição do subsídio monetário para os operários desta indústria que sejam chefes de família, enquanto não for possível a sua colocação na mesma ou em outras estranhas.

2.ª A completa proibição do retorno de vazilhame armado e absoluta isenção de direitos para o que regressar à metrópole desarmado a granel.

3.ª Colocação dos operários desta indústria, mais necessitados, nas obras do Estado.

4.ª Liberdade de acção à associação signatária, na prudente e legal defesa da estabilização de salários e horário de trabalho, tão rudemente atacados neste momento pelo patronato.

5.ª Imediato estabelecimento de um crédito à indústria de tanoaria e comércio de vinhos, em bases de garantia para o Estado. São estas, Ex.ª Sr. Ministro, as reclamações que submetemos à esclarecida apreciação de V. Ex.ª, certos pela razão que nos assiste que V. Ex.ª não hesitará em nos atender.—A direcção da Associação de Classe dos Operários Tanoeiros.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.
Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Para se tratar dum assunto urgente que se relaciona com a crise de trabalho são convidados a comparecer hoje, pelas 20 horas, nesta sede, os delegados dos Fogueiros de Mar e Terra, Marinheiros e Moços de Marinha Mercante e Maquinistas Fluviais.

Comunicações

Federação do Ramo da Alimentação.—Comissão executiva.—Reuniu: esta comissão que tomou conhecimento de vários expedientes ao qual deu o devido destino.

Aprecio o estado caótico em que se encontram todos os organismos do Ramo da Alimentação e especialmente a situação financeira da Federação, que devido aos organismos aderentes não terem requisitado expediente confederal é bastante crítica.

Foi resolvido enviar delegado à assembleia dos Empregados de Hotéis e Restaurantes que se realiza hoje, e enviar uma circular a todos os sindicatos de Manipuladores de Pão para que intensifiquem a propaganda a favor do trabalho diurno na indústria da panificação.

Convocações

PARA HOJE: Empregados de Hotéis e Restaurantes.—Pelas 22.30 horas, para tratar da seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Da orientação e esclarecimentos de alguns artigos, dos dois últimos números publicados no jornal *A Defesa*; 2.ª Nomear uma comissão para remodelar os estatutos; 3.ª Tratar de qualquer outro assunto de interesse colectivo.

Manufactores de Calçado.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa devendo comparecer o secretário da secção do Alto do Pina e o cobrador da "Elite".

UMA EXORTAÇÃO

aos Sindicatos do Ramo de Alimentação

A Federação do Ramo de Alimentação dirigiu aos sindicatos aderentes a seguinte exortação:

"A situação miserável que os trabalhadores da indústria atravessam tende a agravar-se com a sempre crescente carestia da vida e crise de trabalho.

Desta situação são também responsáveis os operários, devido ao seu indiferentismo pelos problemas sindicais.

Se assim não fosse não estariam os trabalhadores sofrendo uma vida pesadíssima e desequilibrada e ainda sob a ameaça de novas baixas de salário e aumento de horas de trabalho.

Há muito tempo que os sindicatos aderentes não fazem as suas requisições de expediente, como era de esperar, sendo por esse facto cada vez mais periclitante a situação financeira da Federação, pois que, como deveis calcular, não havendo a cotização necessária dos organismos que já ratificaram a sua adesão, a propaganda de que tanto carece a nossa organização, não pode ser desenvolvida convenientemente.

Sabem os camaradas que no nosso 1.º congresso foi aprovada a saída dum jornal, órgão da Federação, mas por enquanto é impossível levar à prática essa aspiração, visto não poder este organismo criar despesas sem as receitas necessárias.

Aos sindicatos que até agora não deram a adesão a esta federação, e especialmente aqueles que tomaram parte no 1.º congresso constitutivo, lembra a comissão executiva a necessidade de se federarem, pois que sem o esforço de todos os trabalhadores nada de proveitoso se poderá levar à prática que venha minorar as miseráveis condições em que se encontra o proletariado do ramo da alimentação.

O dever de todo o operário consciente é pugnar nas assembleias dos seus sindicatos, para que a união dos trabalhadores seja um facto, insistindo para que o seu sindicato dê a sua adesão a esta Federação o mais breve possível, pois, só com a acção revolucionária do proletariado organizado, podem defender aquelas regalias que no actual momento estão ameaçadas, não só pelo patronato que nos explora na oficina, mas também pelo estado capitalista.

A presente exortação tem também como objectivo ilucidar todos os organismos do ramo da alimentação que a conta confederal sofreu uma diminuição e portanto facilita a adesão de alguns organismos que pelo facto da cota confederal ser elevada, não podiam fazê-lo.

O preço da cota confederal incluindo a percentagem para esta federação é o seguinte: Selo-cota mensal, 7\$5; Selo-cota semanal, 1\$9.

Atendendo a todos estes factores espera a comissão executiva da federação que todos os sindicatos aderentes façam as suas requisições de expediente confederal regularmente, e incita os que ainda não deram a sua adesão a fazê-lo com brevidade, pois que só assim este organismo poderá ocupar a sua posição na vanguarda do proletariado organizado para defesa de todos os trabalhadores em geral e especialmente daqueles que compõem a indústria do ramo da alimentação, sem distinção de sexo ou nacionalidade.—Pela Federação Nacional dos Trabalhadores do Ramo da Alimentação de Portugal e Colónias, A Comissão Executiva.

A Federação Rural

e o Sindicato da Graça de Divo foram assaltados pela polícia

Há dias, 4 agentes foram à Federação Rural, com sede em Évora, e ali apreenderam todos os documentos, supondo encontrar o rabo da hidra...

Dirigiram-se a seguir os mesmos agentes ao Sindicato dos Rurais de Graça de Divo onde praticaram a mesma façanha.

Contra este atentado à liberdade lavramos desde já o nosso indignado protesto.